

PRADO, Natália Cristine; MASSINI-CAGLIARI, Gladis. A presença de palavras de origem inglesa nos dicionários de português brasileiro: questões de identificação cultural. *ReVEL*, v. 9, n. 17, 2011. [www.revel.inf.br].

## A PRESENÇA DE PALAVRAS DE ORIGEM INGLESA NOS DICIONÁRIOS DE PORTUGUÊS BRASILEIRO: QUESTÕES DE IDENTIFICAÇÃO CULTURAL

Natália Cristine Prado<sup>1</sup>

Gladis Massini-Cagliari<sup>2</sup>

natalia\_cristine\_prado@yahoo.com.br

gladis@fclar.unesp.br

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo observar a presença de palavras de origem inglesa em dicionários do Português Brasileiro relacionando este fato com a atual identificação do brasileiro com a cultura norte-americana – como consequência da importância dos EUA no cenário mundial nas últimas décadas. Neste estudo, notou-se que as palavras estrangeiras passam por um período de observação pelos lexicógrafos antes de serem finalmente inseridas em importantes obras de referência da língua portuguesa. Observou-se também que, quando inseridas nos dicionários, as palavras inglesas são encontradas em diferentes tipos de verbetes: alguns trazem transcrição fonética, por exemplo, outros não. Além disso, muitos verbetes não indicam se a palavra ainda pode ser considerada “estrangeira” à língua portuguesa ou se já se encontra aportuguesada. Dessa forma, podemos concluir que não há um padrão de entrada para palavras estrangeiras em dicionários do Português Brasileiro e que vem sendo uma tarefa difícil para os lexicógrafos encontrar um modelo de verbete que melhor atenda as necessidades das pessoas. Por fim, esta pesquisa comprovou que fatores extralinguísticos e culturais são importantes para que se decida se uma palavra estrangeira deve ou não estar presente em um dicionário do Português Brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Português Brasileiro; Língua Inglesa; Identificação Cultural.

### INTRODUÇÃO

Levando-se em consideração que “o léxico de uma língua é o conjunto estruturado de todas as unidades lexicais dessa língua” (ASSIRATI, 1998: 121), sabemos que há diversas

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Unesp, campus de Araraquara.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Linguística e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Unesp, campus de Araraquara. CNPq (302222/2009-0).

formas para que uma língua amplie seu estoque lexical, como, por exemplo, o empréstimo<sup>3</sup> de palavras de outros idiomas (SANDMANN, 1997: 72). Os empréstimos ocorrem quando diferentes línguas e culturas entram em contato, pois é natural que aconteça um intercâmbio entre elas, sendo que umas dessas culturas e línguas podem exercer mais influência do que receber.

Perante o contínuo processo de globalização, resultado do poderio econômico e cultural que os Estados Unidos adquiriram no cenário atual, é compreensível que a sociedade brasileira se prenda a um padrão cultural norte-americano, o que faz com que muitas vezes palavras emprestadas do inglês se tornem comuns no dia a dia do brasileiro. Por exemplo, nos últimos anos, observa-se que os comerciantes fazem uma opção pelo estilo “norte-americanizado” de comercializar bens e serviços, ou seja, mesmo existindo em português a palavra *liquidação*, a opção pelo uso da palavra *sale* nesse contexto é uma questão de estilo dos comerciantes numa tentativa de valorizar seus produtos<sup>4</sup>. Como lembram Garcez e Zilles (2004: 22-23):

O apelo da máquina capitalista globalizante é forte demais para que a mídia da informação, do entretenimento e, principalmente, da publicidade possa ou queira deixar de explorar as associações semióticas entre a língua inglesa e o enorme repositório de recursos simbólicos, econômicos e sociais por ela mediados. Em uma sociedade como a brasileira, na qual é imensa a disparidade na capacidade de consumo dos cidadãos e na qual a classe social consumidora sofre de grande insegurança social e se mira num padrão de consumo, norte-americano ou europeu, não surpreende que o anglicismo se preste para marcar a diferenciação competitiva entre quem dispõe desse capital simbólico e a massa não-consumidora.

Diante desse dinamismo do léxico, os lexicógrafos deparam-se com a complicada missão de observar a língua de uma comunidade em uma determinada época para decidir que palavras merecem (ou não) ter um registro permanente em dicionários. Assim, a presença de determinadas unidades lexicais emprestadas de outros idiomas em obras de referência de uma

---

<sup>3</sup> Neste trabalho, como queremos observar as palavras de origem inglesa usadas no português do Brasil de modo geral, principalmente por questões culturais, fazemos uso indistinto das palavras estrangeirismo e empréstimo, no entanto, convém lembrar que muitos autores (Cf. DEROY, 1956; CÂMARA JR., 2002[1973]; GUILBERT, 1975; CAMPOS, 1986; GARCEZ; ILARI, 2002; GARCEZ; ZILLES, 2004; BARBOSA, 2004) apresentam diferentes definições para os termos “empréstimo” e “estrangeirismo”. Geralmente o “empréstimo” é considerado como sendo um vocábulo que já está adaptado à língua de chegada, enquanto que o “estrangeirismo”, não está. Entretanto, essa é uma questão polêmica, pois sempre vai existir adaptação, de alguma maneira, ao sistema fonológico da língua de chegada. Assim, torna-se difícil falar em estrangeirismos com todo rigor que esse tipo de proposta sugere.

<sup>4</sup> Para casos como esse, Alves (2004: 86) explica que “a unidade lexical neológica pode ser criada por razões estilísticas e, nesse caso, contribui para causar efeitos intencionais – estranhamento, ironia, cor local... – em uma mensagem”. Isso explica a opção pelo uso de estrangeirismos em uma língua em detrimento dos termos vernáculos equivalentes, pois a escolha do uso dos estrangeirismos pelos falantes pode denotar estilo ou prestígio.

língua pode revelar, entre outras coisas, não apenas a influência de uma língua sobre a outra, mas também a influência de uma cultura sobre a outra.

Portanto, devido à influência do inglês no Português Brasileiro (doravante PB) como fonte fornecedora de estrangeirismos – sobretudo o inglês americano, como consequência da importância dos EUA no cenário mundial atual, o que leva a uma identificação cultural do brasileiro com a cultura norte-americana – este trabalho se propõe a observar a presença de palavras oriundas da língua inglesa em dicionários do PB relacionando este fato com as questões culturais que o permeiam.

## **1. A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA INGLESA NO BRASIL**

O estudo dos empréstimos é bastante relevante em uma perspectiva sociocultural, pois, segundo Câmara Jr. (2002[1973]: 104), “o condicionamento social para os empréstimos é o contato entre povos de línguas diferentes, o qual pode ser por coincidência ou contiguidade geográfica, ou, à distância, por intercâmbio cultural em sentido lato”. Aos empréstimos por contiguidade geográfica dá-se o nome de “empréstimos íntimos” e os empréstimos à distância são denominados “empréstimos culturais” (CÂMARA JR., 2002[1973]: 104).

Carvalho (1989: 36) reconhece a necessidade do condicionamento social do empréstimo já apontada por Câmara Jr. (2002[1973]), descrevendo duas causas para os empréstimos. A primeira se deveria ao contato interpessoal, à convivência entre os falantes por proximidade territorial. A segunda causa é devida aos contatos à distância, mediados por canais artificiais, como a influência e intervenção política e cultural (colonização cultural). O empréstimo, ainda de acordo com Carvalho (1989: 42), “tem sua origem no momento em que objetos, conceitos e situações nomeados em língua estrangeira transferem-se para outra cultura”.

Segundo Ilari (2002: 19), “as palavras estrangeiras são mais facilmente aceitas quando se aplicam a objetos, técnicas ou modos de viver que são em algum sentido “novos”; assim a assimilação de palavras estrangeiras acontece na maioria das vezes como parte de um processo de assimilação que não é apenas linguístico, mas cultural”.

O empréstimo de palavras de outros idiomas para o PB é um fenômeno antigo. De acordo com Trask (2004), o léxico do PB foi acumulando ao longo dos anos palavras de “línguas de povos que, juntamente com os portugueses, participaram da formação da população do país: os indígenas, os escravos africanos e os imigrantes europeus” (TRASK,

2004: 219). No entanto, esse assunto, nos últimos anos, vem ganhando destaque no meio acadêmico, na mídia e até mesmo na política<sup>5</sup> em razão da crescente quantidade de palavras emprestadas do inglês: os chamados anglicismos<sup>6</sup>.

A influência da língua inglesa no PB e em outras línguas no atual contexto histórico é uma das consequências do contínuo processo de globalização, resultado do poderio econômico, político, militar e cultural que os Estados Unidos adquiriram após a Segunda Guerra Mundial e, mais notadamente, com a queda do muro de Berlim em 1989<sup>7</sup> (RAJAGOPALAN, 2005). Para Trask (2004: 168) uma língua é considerada língua internacional quando é bastante usada com inúmeros fins, por indivíduos de diferentes países, especialmente por pessoas para as quais ela não é uma língua materna. Na atualidade, aponta o autor, “o inglês é indubitavelmente a língua internacional mais importante do mundo. O inglês é, por toda parte, a primeira língua em áreas como o comércio, a ciência, a tecnologia, as comunicações e a cultura popular” (TRASK, 2004: 168).

Para Rocha (1999: 71), devido ao contato entre culturas de línguas diferentes, é natural que haja um comércio de palavras entre os diversos países. De acordo com ele “do mesmo modo como se dá com o poderio sociocultural e econômico, na balança comercial do léxico, as nações mais fortes são, via de regra, as que mais exportam palavras”. Dessa forma, Rocha (1999: 71) vai ao encontro das ideias de Trask (2004), afirmando que “a língua portuguesa está sendo invadida por palavras e expressões oriundas do inglês, por causa do poderio socioeconômico dos Estados Unidos”. Conforme explica Alves (2004: 6), “é sobretudo da língua inglesa que o português tem recebido empréstimos, particularmente

---

<sup>5</sup> Não podemos deixar de nos referir aqui ao Projeto de lei n.º 1676 de 1999 do então deputado Aldo Rebelo. Este Projeto dispunha sobre “a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa” e visava à proibição do uso de palavras estrangeiras, sobretudo de língua inglesa, no PB. Na época, o assunto gerou grande revolta na comunidade linguística, que se manifestou contrária ao Projeto (cf. Faraco, 2004; Fiorin, 2004; Garcez; Zilles, 2004; Massini-Cagliari, 2004a, 2004b; Zilles, 2004; Carvalho, 2009). Posteriormente, este Projeto foi reformulado e aprovado pelo Senado em uma nova versão que foi proposta pelo senador Amir Lando, em 28 de maio de 2003.

<sup>6</sup> Câmara Jr. (2002[1973]: 52) assim define anglicismos: “qualquer fato da língua inglesa que aparece no português falado ou escrito”. O termo anglicismo carrega um ranço preconceituoso, pois é tratado por alguns autores, como Cegalla (1973: 453), na seção sobre vícios de linguagem. Entretanto, neste trabalho, o termo refere-se às palavras e expressões de origem inglesa que são usadas no PB, sem qualquer juízo de valoração quanto ao seu uso.

<sup>7</sup>Carvalho (2009: 27-28) lembra que, com relação ao português, a princípio os anglicismos vinham “diretamente da Inglaterra pela tutela política que esta exercia sobre Portugal. Desta época datam *bife*, *rosbife*, *lanche* [...]” palavras já adaptadas de modo que não se percebe sua origem anglófona. Com o deslocamento do centro do poder político para os EUA “país que tomamos como paradigma de desenvolvimento, ou como o Eldorado de emigração” (CARVALHO, 2009: 68), os anglicismos no Brasil passaram a ter origem no inglês americano. Como a língua portuguesa não é veículo de uma cultura uniforme, cada país falante de português lida com a questão do empréstimo de forma diversa, assim, vários anglicismos amplamente usados no PB podem não ser usados em outras variedades do português.

abundantes nos domínios técnico e científico”, por isso encontramos em dicionários do PB vários anglicismos ligados à tecnologia.

Uma pesquisa feita na *Base de Neologismos do Português Contemporâneo do Brasil* (ALVES et al., 2004) – integrante do Projeto Observatório de Neologismos Científicos e Técnicos do Português Contemporâneo do Brasil (Projeto Integrado de Pesquisa CNPq n.º 522419/95-0, coordenado pela professora doutora Ieda Maria Alves) e constituída por unidades lexicais neológicas extraídas de jornais e revistas a partir do ano de 1993 – mostra que das 9.300 unidades lexicais neológicas, que constituem mais de 15.000 ocorrências, 17% dos neologismos são estrangeirismos e em sua maioria de origem inglesa. Além disso, essa pesquisa constatou que a maioria dos estrangeirismos que aparece uma única vez no *corpus* geralmente não é de origem inglesa e se encontra apenas em textos mais específicos, como reportagens que tratam de outros países e culturas, o que mostra que os anglicismos estão mais espalhados em diferentes áreas de interesse e de cultura brasileira. De acordo com Alves et al. (2004: 122)

[...] em relação às áreas do conhecimento, 12% dos estrangeirismos pertencem à área da Música, especialmente nomes de ritmos (*dance, drum'n'bass, house, techno*), seguida pela área da Informática e Tecnologia (11%: *browser, cable modem, dolby, hacker*). Em terceiro lugar vem a área dos Esportes (10%: *ace, personal trainer, set point*, e de origem não-inglesa: *ippon, tae-kwon-do*) e, em seguida, a da Economia (9%: *banking, floating, hedge, trading*). A Gastronomia é bastante representada entre os estrangeirismos de origem não-inglesa, muitas vezes encontrados nas seções de culinária dos jornais e revistas (*smorgasbord, sushi...*).

Rajagopalan (2003: 61) enfatiza que nunca, na história da humanidade, a identidade linguística das pessoas esteve tão sujeita às influências estrangeiras, como nos dias de hoje. O autor ressalta que “o traço mais visível da identidade linguística nesses tempos pós-modernos é a mestiçagem, da qual nenhuma língua escapa hoje em dia”. Isso está de acordo com as ideias do filósofo, diplomata e ex-ministro da Cultura Sergio Paulo Rouanet em um artigo para a revista *Veja* (5 de jan., 2005: 79), “para mantermos nossa identidade cultural, temos de avançar [...]. Avançar significa, entre outras coisas, incorporar o que existe de melhor na cultura estrangeira”.

Exatamente pelo fato de a cultura brasileira incorporar muito do que existe em outras culturas, Assis (2007: 20) observa a contribuição do inglês no PB nas propagandas escritas e faladas, na televisão, nos nomes e embalagens de produtos, na internet, e em jornais e revistas de circulação nacional:

[...] o dia a dia dos brasileiros está repleto de termos vindos do inglês: o refrigerante é *light* ou *diet*; no banho, usa-se *shampoo*; ao navegar na *internet* entra-se no *chat* e manda-se um *e-mail* para os amigos, visita-se uma *homepage* e um *blog*; até a hora de lazer virou *happy hour*; nas revistas de negócios, termos como *marketing*, *business*, *royalties*, *joint venture*, *franchising*, *leasing*, *CEO* e *trading* são recorrentes; as inovações tecnológicas recentes quase sempre são rotuladas a partir de nomes de origem inglesa: *mouse*, *home theater*, *chip*, *byte*, *software*, *game* e *scanner*; quanto à música, pode-se gostar de *rap*, *rock*, *dance*, *pop*, *blues*, *swing*, *funk*, *reggae* ou *country*. No ramo do Direito, temos o *common law* e o *copyright*; em política faz-se um *lobby* e promove-se o *impeachment* de um presidente.

Crystal (1987: 5) também acredita que a “língua muda porque a sociedade muda”, ou seja, a língua acompanha a evolução de seus falantes e da sociedade em que vivem. Carvalho (1989: 22) compara o léxico de uma língua a uma galáxia, que “vive em expansão permanente por incorporar as experiências pessoais e sociais da comunidade que a fala”. A autora (CARVALHO, 1989: 23) acrescenta ainda que a criação de novas palavras e termos é espelho do surgimento de novas coisas e tecnologias:

[...] os termos novos, como resultantes da criatividade linguística, são também consequência da criatividade humana nos outros campos. Os neologismos criados no setor artístico, científico e tecnológico têm o objetivo de oferecer novos conceitos sobre o universo e assim acompanhar a evolução humana.

Cada época tem uma língua internacional, por exemplo, nos séculos XVIII e XIX, as pessoas mais instruídas aprendiam a falar francês, pois esta era considerada a “língua internacional da diplomacia, das belas artes e alta cultura, e da sociedade polida em geral” (TRASK, 2004: 168). Nesse período, o francês também exerceu grande influência no PB e em outras línguas. O autor (TRASK, 2004: 164) observa ainda que

[...] nas últimas décadas os sociolinguistas estão conscientes de que conferir uma identidade à pessoa como indivíduo e membro de um grupo é uma das mais importantes funções da língua. Considerar que a língua tem essa função de identificação é crucial para entender muitos tipos de comportamento social e linguístico.

Essas observações de Trask são bastante relevantes para os estudos sobre os anglicismos, afinal notamos que as palavras emprestadas de outras línguas trazem “uma suspeita de identidade alienígena, carregada de valores simbólicos relacionados aos falantes da língua que origina o empréstimo” (GARCEZ; ZILLES, 2004: 15). Os autores lembram que os valores associados a um empréstimo podem ser conflitantes (e não raro provoca reações negativas por parte de puristas e de falantes “comuns”) uma vez que “diferentes

grupos em uma comunidade podem atribuir valores diversos às identidades ligadas aos falantes de outras línguas<sup>8</sup>” (GARCEZ; ZILLES, 2004: 15-16).

Roberto Pompeu de Toledo, ao expressar sua opinião sobre a questão do antiamericanismo em um ensaio na revista *Veja* de 14 de março de 2007, diz que se o Brasil é antiamericano ou americanófilo é uma questão aberta, mas afirma que “na queda que temos pelo apóstrofo revelamos nossa rendição ao charme americano”. O colunista chama a atenção para o fato de que, comparados ao Brasil, “poucos países, fora os de língua inglesa, terão tantas lojas, produtos, serviços ou eventos batizados em inglês” alegando que “comprar na Bacco’s, em São Paulo, ou bebericar no Leo’s Pub, no Rio, não teria o mesmo efeito se o nome desses estabelecimentos não ostentasse aquele penduricalho, delicado como joia, civilizado como o frio” (TOLEDO, 2007).

Assis-Peterson (2008) recolheu vários exemplos do uso do ‘s e de palavras emprestadas do inglês em nomes comerciais e constatou que os elementos da língua inglesa sofrem uma reavaliação no PB, assim, “aquilo que muitas vezes parece ser inglês, não é ‘puramente’ inglês, pelo menos não o inglês que corresponde ao modelo reconhecido por um falante nativo” (ASSIS-PETERSON, 2008: 331). Como exemplo, a autora traz o nome comercial *Getúlio Grill* que em PB nomeia uma churrascaria. Segundo Assis-Peterson (2008: 331), como a palavra *grill*, em inglês, apenas remete a “grelha”, grade de ferro para assar carnes, um falante do inglês demoraria a associar esse restaurante a uma *steak house*, que é como são chamados os restaurantes americanos especializados em servir carne. No entanto, a autora não explora a relação semântica entre *grill* e *steak house*, já que a grelha é um elemento que faz parte do processo de assar as carnes servidas neste tipo de restaurante. Assim, um falante nativo de inglês acabaria decodificando o nome justamente por causa da relação metonímica entre *grill* e *steak house* – analogia que pode ter motivado a escolha do nome pelo falante de PB.

Garcez e Zilles (2004: 32) afirmam que “muitas pessoas que usam estrangeirismos para afetar alguma coisa que as diferencie, não conhecem quase nada da língua de onde tomam emprestado o estrangeirismo”, isto é, muitas vezes essas pessoas não conhecem a gramática da língua inglesa, apenas palavras esparsas das quais podem nem saber precisamente o significado. Isso pôde ser confirmado por Assis-Peterson (2008) ao entrevistar

---

<sup>8</sup>É bastante conhecido o estudo de Labov que, em 1963, observou que moradores da ilha de Martha’s Vineyard começaram a intensificar o uso de uma variante local da pronúncia de determinadas palavras, considerada não-padrão e estigmatizada, porque a variante padrão havia sido trazida por veranistas que exploravam economicamente a ilha. Foi a forma que os habitantes locais encontraram de marcar na fala “sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo separado” (TARALO, 1990:14).

alguns donos de casas comerciais que garantiram que “a palavra em inglês é estratégia de marketing de valorização da mercadoria. Saber seu significado não é necessário, basta *parecer inglês*” (ASSIS-PETERSON, 2008: 336).

Embora frequentemente seja alvo de ataques nacionalistas, o uso de estrangeirismos não é um fenômeno novo para a língua. De acordo com Assis (2007: 21), “vários anglicismos usados no PB já foram naturalizados ou, como se costuma dizer, ‘aportuguesados’, através de processos que tentam transcrever as palavras com uma grafia adequada ao português”. Como exemplos, podemos citar as palavras: *futebol, boxe, clube e tênis*, que vieram de *football, box, club e tennis*, respectivamente. Para Assis (2007: 21) “muitos outros ainda mantêm a grafia estrangeira, mas neste caso, na maioria das vezes, a pronúncia já é adaptada<sup>9</sup>, como em *outdoor*”.

Zilles (2004: 157) ressalta que a língua é primordialmente falada e só secundariamente escrita, por isso todo empréstimo sofre algum grau de adaptação (fônica, morfológica, sintática ou semântica) tanto na sua estrutura interna quanto nas relações com os elementos em que coocorre, afinal, está sendo empregado em contextos linguísticos e culturais diferentes da sua língua de origem. Contudo, a autora nos lembra de que essas adaptações podem ser bloqueadas pelo “desejo que os falantes têm de sinalizar valores sociais e com isso produzir efeitos nos seus interlocutores” (ZILLES, 2004: 157).

Além dos nomes comerciais e nomes ligados à tecnologia, a língua inglesa também empresta palavras em outros contextos. Carvalho (2009: 68) observa que “em nenhum país lusófono há uma adoção indiscriminada de nomes próprios do inglês como no Brasil, sobretudo nos baixos estratos sociais”. Um estudo realizado por Massini-Cagliari (2009) observou a formação de antropônimos de origem inglesa no PB e notou que nem sempre eles se enquadram nos parâmetros da fonologia do PB. Segundo Massini-Cagliari (2009),

[...]muitas vezes, os falantes carregam para o PB traços da pronúncia original do nome, trazendo para o sistema desta língua características que não lhe são comuns, principalmente em termos prosódicos – padrões silábicos não comuns no português (Wlamir), posição não-default de acentuação (Washington), presença de sílabas em posição átona cuja estrutura não é comum nesta posição (Kléiton), etc. Outras vezes, as marcas de “estrangeirismo” restringem-se à grafia, que acaba por corresponder a uma pronúncia vernácula (exemplos: Christiany, Josielly, Edwardo, Karla, etc.).

---

<sup>9</sup> No Português Europeu (PE), a questão da adaptação da pronúncia dos estrangeirismos é discutida em Freitas, Ramilo e Soalheiro (2003).



A autora nota ainda que a motivação para esse comportamento diferente em relação aos nomes comuns pode ser explicado por fatores extralinguísticos e sociais, como o fato de que os pais escolhem esses nomes para seus filhos por considerá-los “chiques” e sonharem para eles uma ascensão econômica e social. Deste modo, os pais fazem questão de marcar seus desejos na forma e na pronúncia dos antropônimos. Essas observações de Massini-Cagliari (2009) são muito relevantes para o estudo dos anglicismos de modo geral, pois, muitas vezes, os anglicismos acabam sendo escolhidos por falantes do PB em determinados contextos por seu *status* sofisticado.

Por conseguinte, podemos concluir que muitos fatores extralinguísticos e culturais podem ser extremamente importantes para refletirmos sobre os motivos que levam os lexicógrafos a optarem por colocar palavras de origem inglesa em muitas obras de referência.

## **2. A PRESENÇA DE PALAVRAS DE ORIGEM INGLESA EM DICIONÁRIOS DO PB**

Segundo Biderman (1992: 5),

[...]um dicionário é um repositório da riqueza vocabular de uma língua [...]. Mas não é só isso. As palavras arroladas no dicionário dão testemunho de uma cultura; no caso da língua portuguesa, nosso vocabulário registra não só os símbolos da nossa cultura brasileira, mas também de muitas outras culturas de que somos herdeiros: a lusitana, a Greco-latina, as culturas indígenas, as culturas africanas [...] e tantas outras mais que recebemos pelos mais variados caminhos. Por outro lado, vivendo num mundo em que os meios de comunicação de massa estão-nos transmitindo vocábulos de centenas de outras culturas [...] conseqüentemente esses bens culturais de outros povos e nações passam a fazer parte do nosso mundo, sendo registrados no nosso vocabulário através de nossas palavras. Assim, o nosso léxico contém atualmente um grande contingente de vocábulos estrangeiros e conceitos importados de outros povos.

De acordo com Farias (2007: 89), “ao considerarmos a evolução do homem, podemos dizer que os dicionários são parte integrante da evolução da língua” e, por que não dizer, da época e da sociedade que fala essa língua. No atual momento histórico, diante da influência da língua inglesa, é esperado que os dicionários do PB passem a ter mais verbetes com palavras de origem inglesa consagradas pelo uso corrente no Brasil e necessárias à literatura e tecnologia, afinal um consulente procura no dicionário o aval para empregar determinada palavra ou para esclarecer dúvidas sobre seu uso ou o domínio a que pertence. Deste modo, o dicionário também se torna um veículo de acesso um saber sociocultural e científico dominante em uma ou mais comunidades, que deve ser aprendido, adquirido.

Não há uma conclusão clara de quando um termo passa a estar integrado ou incorporado ao léxico de uma língua. Alves (2004) reconhece o uso como um critério para determinar se uma palavra já faz parte do léxico de uma língua: “O emprego frequente de um estrangeirismo constitui também um critério para que essa forma estrangeira seja considerada parte componente do acervo lexical português” (ALVES, 2004: 79). Dessa forma, os lexicógrafos não deixam de considerar a frequência de uso para inserir novas palavras em uma obra. A autora (1984: 125) afirma que “uma vez consagrado pelo uso, o elemento neológico é geralmente inserido num dicionário”. A autora continua dizendo que “constitui o dicionário o critério final, segundo o qual um neologismo é integrado ao léxico da língua. Atribui-se assim, ao lexicógrafo, o poder de decidir sobre a aceitabilidade ou não de um novo termo ou expressão e sobre sua incorporação à língua” (ALVES, 1984: 125).

De acordo com a editora do dicionário Aurélio (FERREIRA, 2010), um dos mais famosos do país, “antes de uma palavra entrar no dicionário passa por um ‘período de observação’, que pode ser de anos e vai mostrar se ela realmente foi incorporada pela sociedade” (*Língua Portuguesa*, dez. 2010: 52). Assim, o fato de uma determinada palavra não estar em nenhum dicionário não a exclui necessariamente como pertencente ao léxico do PB, sendo ela de origem estrangeira ou não, como no caso de gírias e regionalismos, afinal, uma palavra pode não estar dicionarizada nesse momento por ser muito recente, mas pode ser incluída em momentos futuros.

Um trabalho realizado por Cano e Prado (2006) analisou a presença de estrangeirismos da área da informática no dicionário Aurélio século XXI (FERREIRA, 2001) e observou que “esses registros não são coerentes e que faltam critérios para sua inserção” (CANO; PRADO, 2006: 276). Os autores também encontraram alguns problemas nos verbetes como, por exemplo, a falta de transcrição fonética. No caso dos estrangeirismos, a explicitação da pronúncia é bastante útil aos consulentes, principalmente quando se trata de vocábulos que têm uma pronúncia mais aproximada da língua de origem, aliás, esse é um problema para o dicionarista, pois

[...] sabemos que, para qualquer forma estrangeira, sempre vai haver incorporação, de alguma maneira, ao sistema fonológico da língua de chegada, mesmo que o dicionário indique a pronúncia da palavra na língua de partida. Ou seja, os falantes irão pronunciar a unidade adaptando os fonemas ao seu sistema linguístico, como em software, em que o falante pronuncia algo como sófiter. (CANO; PRADO, 2006: 271).

A mesma pesquisa observou outras questões e notou que a maioria dos verbetes apenas apresenta a sigla “do inglês” sem maiores especificações, assim, “inferimos que, para o dicionarista, não está claro o que é um anglicismo, ou aportuguesamento do inglês” (CANO; PRADO, 2006: 271), informação que talvez possa interessar ao consulente do dicionário.

Entretanto, sabemos que alguns dicionários não tem o propósito de citar em todos os verbetes a origem das palavras emprestadas de outras línguas, já que isso é uma opção da equipe que faz o dicionário. Isso pode ser mais comum quando se tratam de palavras recentes, como no caso de Biderman (1992), em que se indica esporadicamente a origem da palavra-entrada, “a não ser em casos de neologismos recentes, ou relativamente recentes, em que a origem estrangeira ainda é muito evidente” (BIDERMAN, 1992: 12).

Atualmente tem sido amplamente noticiado na mídia brasileira que o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2010), em uma nova edição comemorativa do centenário do seu criador, chega às livrarias 6% mais recheado, sobretudo com estrangeirismos essenciais aos diálogos populares da atualidade, a maior parte originária da língua inglesa. As palavras que passaram a fazer parte desse dicionário vêm de diversas áreas, tais como informática, biologia, botânica e genética, como *agrobusiness*, *allnews*, *bandeide*, *barwoman*, *biojoia*, *blogar*, *blue tooth*, *blu-ray disc*, *blu-ray player*, *bollywoodiano*, *botox*, *bullying*, *chef*, *cookie*, *data-show*, *donut*, *e-book*, *ecobag*, *ecojoia*, *ecotáxi*, *ecoturismo*, *flex*, *fotolog*, *hotspot*, *mix*, *nerd*, *pet shop*, *pop-up*, *sex shop*, *tablet*, *test drive* e *tuitar*.

Vemos aí que o dicionário passou a registrar pelo menos dois verbos novos formados a partir de palavras originárias do inglês, *tuitar* e *blogar*, ambas ligadas ao universo da informática e tecnologia:

Blogar – [do ingl. *blog* + *ar*.] Verbo intransitivo. Inform. 1. Manter (o internauta) um *blog*. [conjug.: *rogar*] (FERREIRA, 2010: 324)

Tuitar – [do ingl. *twitt(er)* + *-ar*] verbo intransitivo. 1. Postar no *twitter* comentários, informações, fotos, etc. ger. de caráter pessoal ou institucional. 2. Acompanhar os fatos, ideias, informações, etc. registrados por alguém em seu *twitter*. [Conjug.: v. *ajuizar*.] (FERREIRA, 2010: 2099)

Os termos novos, verbos do PB criados a partir de palavras do inglês, são resultantes da criatividade linguística, mas também consequência da criatividade humana nos outros campos. Os neologismos criados nos mais diversos setores (artístico, científico, tecnológico etc.) têm o objetivo de oferecer novos conceitos sobre o universo e, desse modo, acompanhar

a evolução humana. Como esses novos conceitos e equipamentos vieram acompanhados de nomes em inglês, esses anglicismos passaram a pertencer à cultura brasileira, ao léxico do PB e, conseqüentemente, estiveram a disposição dos falantes para a criação de novas palavras em PB.

Os verbetes nem sempre estão em todos os dicionários de um mesmo idioma. Por exemplo, os novos verbos *blogar* e *tuitar* ainda não estão no dicionário Houaiss (2009), embora as palavras *blog* (e o aportuguesamento *blogue*, em geral menos visto em textos do PB), *blogueiro* e *blogosfera* já estejam registradas. Isso pode acontecer porque na época em que o dicionário Houaiss (2009) foi lançado essas palavras ainda estavam começando a ser usadas e ainda estavam em fase de observação podendo sair em uma edição posterior desse dicionário.

A palavra *bandeide*, aportuguesamento de *band-aid*, também não se encontra registrada no Houaiss (2009), mas *band-aid* se encontra no Houaiss mais antigo (versão impressa 2001; versão eletrônica, 2004). Abaixo, podemos observar que o Houaiss (2004) traz um verbete indicando origem da palavra e transcrição fonética:

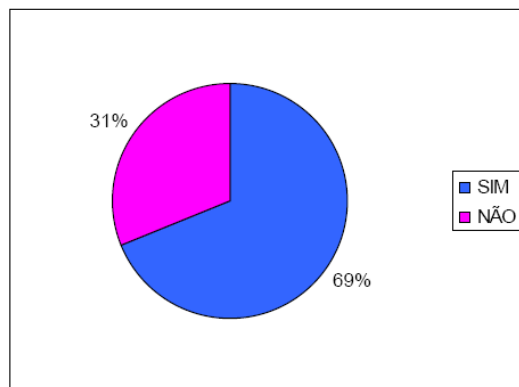
Band-aid – Língua: inglês. Pronúncia: ‘bænd eid  
**substantivo masculino:** pequeno curativo adesivo com uma almofada de gaze no centro, us. para cobrir ferimentos leves.

No entanto, a pronúncia indicada no dicionário Houaiss (versão impressa, 2001; versão eletrônica, 2004) é a pronúncia original da língua de origem e, nesse caso, o vocábulo aportuguesado presente no Aurélio (FERREIRA, 2010) deixa claro como os falantes pronunciam essa palavra em contexto de PB, adaptando-a completamente ao sistema fonológico da língua.

Assis (2007) fez uma coleta de anglicismos na revista *Veja* para observar as adaptações fonológicas que podem acontecer com as palavras de origem inglesa em PB e observou que, dos 290 termos encontrados, a maioria já se encontra dicionarizada com uma grafia que a autora chama de “alienígena” (ainda não adaptada graficamente ao português), ou seja, os dicionaristas consultados pela autora<sup>10</sup> consideram que as palavras encontradas já fazem parte do léxico do português. Como mostra o Gráfico 1, retirado de Assis (2007), os termos dicionarizados totalizam 200, sendo que apenas 90 termos, ou seja 31%, ainda não foram dicionarizadas:

---

<sup>10</sup> Os dicionários consultados por Assis (2007) foram: Houaiss (2004, versão em CD-ROM), Michaelis (2006, versão online), DUNESP (2004) e o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1999).



**Gráfico 1:** Porcentagem de anglicismos dicionarizados na pesquisa de Assis (2007: 117)

Como podemos notar, com grafias adaptadas ou não e presentes em alguns dicionários e ausentes em outros, os estrangeirismos provenientes do inglês – e em menor escala, de outras línguas também – estão cada vez mais fazendo parte dos dicionários do PB, na medida em que bens de consumo, bens culturais, econômicos, tecnológicos e científicos vindos dos EUA – e de outras partes do mundo – estão fazendo parte do dia-a-dia do povo brasileiro.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como depositário da cultura de uma época, um dicionário não apenas registra palavras como também registra a norma social de uma época, com seus valores e sua cultura. Nesse sentido podemos dizer que o dicionário registra palavras que retratam a forma de viver e de pensar de determinada comunidade.

Além disso, o dicionário registra também o saber científico adquirido por esse povo em determinado momento da história. Como sabemos, posteriormente à queda do muro de Berlim, em 1989, a sociedade mudou muito e em diversos aspectos. Com os avanços tecnológicos e as mudanças culturais, os EUA passaram a exportar não apenas produtos, mas conceitos e ideias, o que faz com que a maioria dos vocábulos estrangeiros que se inserem no léxico do PB venha do inglês. Dessa forma, ao passar do tempo esses anglicismos passam a integrar naturalmente o vocabulário das pessoas e passam a merecer também verbetes em dicionários.

Como notamos, palavras estrangeiras normalmente não ser inseridas em dicionários do PB ao mesmo tempo em que começam a ser usadas no dia a dia. Antes de se tornarem verbetes em obras de referência do PB, os empréstimos passam por um período de observação

pelos lexicógrafos, que decidem se uma determinada palavra deve ou não ser dicionarizada. Nem sempre os dicionários seguem o mesmo critério para a adoção dessas palavras e vem sendo uma tarefa difícil para os lexicógrafos encontrar um modelo de entrada que melhor atenda as necessidades dos consulentes. Uma das questões encontradas pelo lexicógrafo no momento de inserir um verbete com uma palavra estrangeira em um dicionário do PB é decidir se deve ou não apresentar a transcrição fonética da pronúncia deste vocábulo. A explicitação da pronúncia de vocábulos estrangeiros pode ser muito útil ao falante de PB, no entanto, muitos dicionários não trazem essa informação. No entanto, sabemos que isso pode ser um problema para o dicionarista já que toda palavra de origem estrangeira sofre adaptações ao sistema fonológico da língua de chegada. Outra questão que precisa ser analisada é a maneira de se fazer referência à língua de origem do vocábulo estrangeiro. Como visto, muitos verbetes trazem apenas uma indicação de que a palavra veio do inglês, sem especificar se se trata de um anglicismo, ou seja, de uma palavra que ainda pode ser considerada “estrangeira” ao PB, ou de uma palavra já aportuguesada.

Ao longo deste trabalho, procuramos refletir sobre a presença de palavras de origem inglesa nos dicionários do PB relacionando esse fato às questões culturais que o cercam. Assim, podemos concluir que, com o aumento da influência dos EUA na sociedade brasileira e mundial, tanto através de sua cultura quanto através dos bens de consumo que exporta, é natural que aconteça um aumento das palavras de origem inglesa nos dicionários do PB, o que comprova que fatores extralinguísticos e culturais são importantes para que se decida se uma palavra estrangeira deve ou não estar presente em um dicionário do PB.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. ALVES, I. M. Neologismo: criação lexical. 2. ed. São Paulo: Ática, 2004.
2. ALVES, I. M. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico do português. *Alfa*: São Paulo, v.28 (supl.), p. 119-126, 1984.
3. ALVES, I. M.; ARAUJO, M.; BACCIN, P. G.; MARONEZE, B. O. Estrangeirismos no Português Brasileiro: do mito à realidade. In.: *Revista Estudos Linguísticos*. n° XXXIII. 2004. p. 116-123. Disponível em: [http://gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2004/4publica-estudos2004-pdfs-grupos/estrangeirismo\\_portugues.pdf](http://gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2004/4publica-estudos2004-pdfs-grupos/estrangeirismo_portugues.pdf) . Acesso em 16 de janeiro de 2011.

4. As novas do Aurélio. In.: *Revista Língua Portuguesa*. São Paulo: Segmento, dez. 2010.
5. ASSIS, Ana Beatriz Gonçalves de. *Adaptações fonológicas na pronúncia de estrangeirismos do Inglês por falantes de Português Brasileiro*. Araraquara: FCL/UNESP, 2007. Dissertação de Mestrado.
6. ASSIS-PETERSON, Ana Antônia. Como ser feliz no meio de anglicismos: processos translógicos e transculturais. In.: *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008.
7. ASSIRATI, E. T. Neologismos por empréstimo na informática. *Alfa*: São Paulo, v.42 (n.esp.), p. 121-145, 1998.
8. BARBOSA, H. G. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2004.
9. BIDERMAN, M. T. *Dicionário Contemporâneo de Português*. Petrópolis: Vozes, 1992.
10. CÂMARA, JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. [1. ed. 1973, *Dicionário de filologia e gramática referente à língua portuguesa*].
11. CÂMARA, JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. [1.ed. em 1970].
12. CAMPOS, G. *O que é tradução*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
13. CANO, W. M.; PRADO, D. de F. Os estrangeirismos as área da informática no Aurélio século XXI. *Revista Alfa*. São Paulo, 2006. p.265-266. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/1423/1124> . Acesso em: 16 de janeiro de 2011.
14. CARVALHO, N. *Empréstimo linguístico*. São Paulo: Ática, 1989.
15. CRYSTAL, D. *A dictionary of Linguistics and Phonetics*. 3 ed. London: Blackwell Publishers, 1985.
16. DEROY, L. *L'emprunt linguistique*. Paris: Les Belles Lettres, 1956.
17. *DICIONÁRIO Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. CD-ROM. [Não paginado].
18. *DICIONÁRIO Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. CD-ROM. [Não paginado].
19. FARIAS, E. M. P. Uma Breve história do fazer lexicográfico. In.: *Revista Trama*. vol 3. n.º5. 2001. p. 89-98.
20. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 5ª. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

21. GARCEZ, P. M.; ZILLES, A. M. S. Estrangeirismos: desejos e ameaças. In: FARACO, C. A. (Org.) *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2004. p. 15-36.
22. GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris, Larousse, 1975.
23. ILARI, R. *Introdução ao estudo do léxico*. São Paulo: Contexto, 2002.
24. MASSINI-CAGLIARI, G. Language policy in Brazil: Monolingualism and Linguistic prejudice. *Language Policy*, n. 3, 2004, p. 3-32.
25. MASSINI-CAGLIARI, G. . *Política linguística: precisamos disso?*. Informativo UNESP PROEX., São Paulo, 31 jan. 2004a. Disponível em: <<http://proex.reitoria.unesp.br/informativo/WebHelp/informativo.html>>. Acesso em: 30.08.2009.
26. MASSINI-CAGLIARI, Gladis. NOMES PRÓPRIOS DE ORIGEM ESTRANGEIRA: ADAPTAÇÃO E IDENTIDADE FONOLÓGICA. In: SEMINÁRIO DO GEL, 57., 2009, *Programação...* Ribeirão Preto (SP): GEL, 2009. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/?resumo=5179-09>>. Acesso em: 30.08.2009. [Não paginado].
27. *Nós tuitamos, vós tuitais, eles tuitam*. Disponível em: <http://www.aureliopositivo.com.br/#/Noticias> . Acesso em 16 de janeiro de 2011.
28. RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.
29. RAJAGOPALAN, K. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil. In: LACOSTE, Y.; RAJAGOPALAN, K. (Org.) *A geopolítica do inglês*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 135-159.
30. ROCHA, L. C. de A. *Estruturas morfológicas do Português*. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
31. ROUANET, S. P. O nacional-burrismo. *Veja*. 1886 ed. São Paulo: Abril, ano 38, n.1, 05 jan. p. 79. [Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/050105/p\\_078.html](http://veja.abril.com.br/050105/p_078.html)>. Acesso em 10 de janeiro de 2011].
32. SANDMANN, A. J. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1997.
33. TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.
34. TOLEDO, R.P. *Uma paixão dos brasileiro's*. *Veja*, 14 de março 2007. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/140307/pompeu.shtml>>. Acesso em: 30.08.2009. [Não paginado].



35. ZILLES, A. M. S. Ainda os equívocos no combate aos estrangeirismos. In: FARACO, C. A. (Org.) *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2004. p. 143-161.

**ABSTRACT:** This paper aims to observe the presence of English words into Brazilian Portuguese dictionaries linking this fact with the current identification of Brazilian people with American culture – as a result of the U.S.A importance for the world in recent decades. In this study, we observed that the foreign words go through a period of observation by lexicographers before being finally written in Brazilian Portuguese dictionaries. It was also observed that, when inserted in dictionaries, the English words are found in different types of dictionary entries: some dictionary entries have phonetic transcription, for example, others do not. Furthermore, many dictionary entries do not indicate if a word can still be considered "foreign" to Brazilian Portuguese or if it is already part of the Portuguese language. Thus, we conclude that there is not a fixed type of dictionary entry for foreign words in Brazilian Portuguese dictionaries and it has been difficult for lexicographers to find out a type of dictionary entry that best attends the needs of people. Finally, this research proved that cultural and extralinguistic subjects are important to decide whether a foreign word can be or cannot be present in a Brazilian Portuguese dictionary.

**KEYWORDS:** Brazilian Portuguese; English; Cultural Identification.

Recebido no dia 04 de junho de 2011.

Aceito para publicação no dia 01 de agosto de 2011.